

“ÀS VEZES, VEJO AS PESSOAS SACUDINDO AS MÃOS E RINDO” – DESAFIOS À PERCEPÇÃO DO PRECONCEITO CONTRA A SURDEZ

Giselly Peregrino

INES / PUC-Rio

gisellyperegrino@globo.com

RESUMO: Neste trabalho, objetiva-se compreender como alunos surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras) percebem o preconceito contra a surdez, apesar de não compartilharem a língua com aqueles que são, frequentemente, vistos como preconceituosos em potencial: os sujeitos ouvintes. Para tanto, foram entrevistados cinco adultos surdos que são estudantes em uma importante escola bilíngue situada na capital do Rio de Janeiro. Utilizaram-se como referenciais teóricos para compreender a questão do preconceito: Allport (1962) e Heller (1989). Concluiu-se que o preconceito contra pessoas surdas tem especificidades, diferenciando-se de outras expressões preconceituosas, entre outros motivos, por se tratar de um sujeito que pode ter dificuldades para perceber o fenômeno do preconceito ao seu redor, o qual é ora secreto, ora revelado.

Palavras-chave: preconceito; surdez; adultos surdos; Língua Brasileira de Sinais

RESUMEN: En este trabajo, el objetivo es comprender cómo los alumnos sordos que usan la Lengua Brasileña de Señales (Libras) perciben el prejuicio contra la sordera, a pesar de que no comparten una lengua con las que, a menudo, se ve como potenciales personas con prejuicios: los sujetos oyentes. Entrevistamos a cinco adultos sordos que son estudiantes en una escuela bilingüe importante situada en la capital de Río de Janeiro. Fueron utilizados como marcos teóricos para la comprensión de la cuestión del prejuicio: Allport (1962) y Heller (1989). Se concluyó que el prejuicio contra las personas sordas tienen cosas específicas, diferenciándose de otras expresiones de prejuicios, entre otras razones, porque es una persona que puede tener dificultades para entender el fenómeno de los prejuicios en torno a ella, que a veces se oculta, a veces se muestra revelado.

Palabras-clave: prejuicio; sordera; adultos sordos; Lengua Brasileña de Señales.

Introdução

Os adultos surdos entrevistados relatam que nem sempre têm certeza do que as pessoas ouvintes estão falando ao seu redor e não têm como saber se ocorrem mais manifestações de preconceito do que as que julgam perceber. Para, inclusive, certa insegurança. Por isso, há dificuldade ou hesitação por parte desses sujeitos surdos para reagir ou responder ao que lhes parece ser um preconceito. O entrave entre a língua de sinais e o português oral gera a sensação real de incerteza perante o que acontece.

Metodologia

A entrevista, ancorada na abordagem sócio-histórica (FREITAS, 2002, 2007), foi o procedimento metodológico principal para a construção dos dados com os sujeitos da pesquisa, assumindo-se a interação como fundamental no estudo de fenômenos humanos. A entrevista é compreendida, aqui, como uma produção de linguagem e objetiva a mútua compreensão entre entrevistador e entrevistado.

No ano de 2013, foram entrevistados cinco alunos surdos:

| Aluno surdo | Sexo | Idade | Surdez congênita | Ano escolar | Tempo na escola de surdos | Trabalho |
|----------------|------|-------|------------------|-------------|---------------------------|----------|
| A ₁ | F | 24 | não | 7º ano | 2 anos | sim |
| A ₂ | F | 32 | não | 7º ano | 1 ano | sim |
| A ₃ | F | 24 | não | 1ª série | 13 anos | não |
| A ₄ | M | 24 | sim | 2ª série | 7 anos | sim |
| A ₅ | M | 36 | sim | 2ª série | 2 anos | sim |

Análise dos resultados

Quando expresso oralmente na fala, ainda que de modo explícito, o preconceito pode não ser percebido pelo sujeito surdo, que tende a captar e, inclusive, construir expressões preconceituosas no olhar, no semblante, nas atitudes, nos gestos do outro, etc.: as pessoas surdas “olham as bocas se movimentando e sabem que, através desses movimentos, as pessoas expressam pensamentos e ideias, mas, mesmo havendo tal

percepção, não compreendem esta língua” (QUADROS, 2012, p. 191). A₂ confirma: “nem sempre consigo ler bem os lábios para saber o que realmente estão falando”. Por essa razão, é comum que ocorram formações imaginárias que levem a acreditar que o outro está sendo preconceituoso, quando, na verdade, nem sempre está.

O preconceito, apesar de não configurar propriamente uma ação, pode ser expresso em palavras, pode ser manifestado em atitudes, pode ser revelado em olhares. Sendo uma antipatia (ALLPORT, 1962), nem sempre é disfarçado totalmente. Mal visto, sobretudo em tempos que valorizam o politicamente correto, o preconceito faz o jogo de esconde-esconde, escamoteando-se e fantasiando-se de diversas formas. Vale lembrar que as palavras são lugares de luta e têm natureza social (BAKHTIN, 2010). O preconceito fantasiado de eufemismos expande-se na surdina, às escuras, e ganha força, já que quase sempre passa despercebido, seja por estar realmente “bem” escondido, seja por negligência da plateia que “finge não ver”.

O preconceito contra as pessoas surdas pode ganhar contornos próprios, uma vez que, para o senso comum, além de ser “incorreto” expressar o preconceito contra pessoas surdas, é cruel ser preconceituoso com alguém que, não raramente, é alvo de compaixão, dó e piedade. Nessa esfera, geralmente, entram frases com uso de palavras no diminutivo – dando conotação pejorativa, querendo ou não – como “coitadinho, ele é surdinho”, “é mudinho”, etc. A₂ ratifica que já falaram para ela: “fofinha”, “bonitinha”, dentre outras. Tais expressões, para se referir às pessoas surdas, mostram-nas como dignas de pena e podem vir acompanhadas:

i. de expressões faciais/corporais e de falas que indicam todo um pesar pelo outro e pelo seu “azar” na vida:

Eu estava na Tijuca¹ resolvendo uma questão judicial. Estava preenchendo um formulário administrativo e vi que a mulher que estava do outro lado do vidro, desses de atendimento, parecia que estava falando “coitadinha dela, né? Uma pessoa tão boa, mas é surda”. Eu percebi aquilo, estranhei e chamei a mulher para perguntar o que ela tinha

¹ A Tijuca é um bairro de classe média, localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro-RJ.

dito. Como não íamos conseguir nos comunicar de outro jeito, escrevemos em um papel. E ela escreveu isso no papel, aí eu perguntei “essa palavra, o que significa? É ‘coitada’? Nossa!”. Eu não gosto disso, o que será que ela pensa sobre o surdo? Será que ela acha que o surdo não tem experiências? “Deixei pra lá”, continuei o que eu tinha que fazer e fui embora. Já me acostumei com isso. Ajo com indiferença, mas me incomoda. (A₂)

No relato de A₂, vários aspectos chamam a atenção:

- a. a dedução do que a atendente pode ter falado é seguida da confirmação de que, de fato, tinha sido considerada uma “coitada”. Houve manifestação de preconceito na fala e escrita da funcionária, que estigmatizou a pessoa com surdez como inferior;
- b. o uso da conjunção adversativa “mas” na oração “uma pessoa tão boa, *mas* é surda” indica que ser boa e ser surda não se somam, porém, parecem contrapor-se, como se o fato de ser uma pessoa boa impedisse o fato de ser surda ou vice-versa. Outra manifestação de preconceito ocorre, mas não se trata de uma antipatia com A₂. Estamos diante de uma inclinação – irrefletida e automática – a julgá-la, mediante a constatação acrítica da incompatibilidade entre ser boa e surda;
- c. a dificuldade das pessoas surdas usuárias de Libras em fazerem-se entender pelos ouvintes as faz partir imediatamente para a palavra escrita em português, mesmo sabendo que a comunicação pode tornar-se mais lenta;
- d. o questionamento de A₂ a si própria – sobre o que a atendente devia pensar sobre pessoas com surdez e se pensava que não têm experiência de vida – mostra a formação imaginária do que o outro pode estar pensando. Provavelmente, isso é construído a partir do semblante daquele com quem se dialoga/tenta dialogar. Não é exclusividade dos sujeitos surdos imaginarem pensamentos alheios; também os ouvintes o fazem. O

problema é que nunca saberemos o que foi pensado, de fato, pela funcionária;

- e. por fim, o fato de A_2 supostamente ignorar o que se passou, por estar acostumada à situação, permite a ela o desabafo de que seu agir é (parece ser) indiferente, entretanto, sente-se incomodada.

ii. do falar mal/“pelos costas”, do olhar de estranhamento ou do silêncio que menospreza o outro:

Também há coisas negativas, porque as pessoas nos desprezam, falam mal, falam “escondido”, acontecem muitas coisas. Olham de maneira estranha! Isso é uma coisa negativa e me assusta um pouco, porque eu me pergunto: “o que aconteceu? Por que será que estão me olhando?”. É uma falta de sensibilidade da parte delas! E também quando os ouvintes veem as coisas dos surdos e deixam de lado, isso é muito difícil! Muita gente não fala nada. Quantos ouvintes não falam nada? Olham e perguntam meio assustados: “esse é seu filho? Ele é surdo?”. E não falam nada, porque pensam que ser ouvinte é positivo, é mais fácil, e ser surdo, negativo, coisa para ficar assustado, negativo mesmo! Ninguém fala nada, porque tem dúvida. (A_5)

Do relato de A_5 , é possível notar:

- a. a percepção de que as pessoas ouvintes desprezam as surdas, falam mal delas ou falam “escondido”, que pode significar: fofocar, falar na ausência de outrem ou sem que notem, dissimular a fala, tapar a boca para que não ocorra leitura labial, etc.;
- b. a percepção negativa e assustadora do olhar de estranhamento dos ouvintes em relação aos sujeitos surdos, o que leva A_5 a ficar perguntando a si próprio o que pode ter ocorrido e o porquê de estarem olhando para ele;
- c. a avaliação do estranhamento dos ouvintes como uma “falta de sensibilidade” da parte deles;
- d. a exemplificação de que a pessoa ouvinte ignora ou negligencia as questões da surda se omitindo. Ou olha para ela e pergunta, assustada, aos pais se o surdo é filho deles. A_5 conclui que o ouvinte não faz comentários



em relação à resposta positiva dos pais, porque ser uma pessoa surda deve ser algo negativo, algo “para ficar assustado, negativo mesmo”, aos olhos da sociedade. É perceptível que o entrevistado parece já ter refletido sobre o assunto, talvez devido a variadas vivências da mesma situação;

- e. o comentário final de A₅ – ninguém fala nada diante da constatação de estar perante um filho surdo de pais ouvintes – mostra que constata um desconhecimento dos ouvintes em relação à surdez.

Os entrevistados relataram também as atitudes e posturas preconceituosas que são geradas pelo estigma da surdez: riso, desdém, “imitação” de sinais, mímica, uso de palavras grosseiras ou obscenas, zombaria, criação de apelidos, olhares desconfiados e de descrédito, receio quanto à comunicação com eles, semblantes piedosos, indiferença, evitação do contato visual, etc.:

[...] quando olhava, via pessoas que riam muito! Dá para perceber no semblante delas, porque o surdo é muito visual. E dá para perceber pela feição que as pessoas fazem. Às vezes, vejo as pessoas sacudindo as mãos e rindo. Puxa, aí fico com raiva e vontade de “tirar satisfação”, mas acabo “deixando pra lá” e continuo sinalizando normalmente. Mesmo que a pessoa se aproxime, continuo sinalizando. Não paro mesmo! E se alguém vier tentando se comunicar comigo escrevendo, eu vou tentar escrever também. [...] Há outras coisas também: palavrão e um monte de coisas. Ocorrem também “gozação” e apelidos, mas eu já desisti. Às vezes, os ouvintes pensam que a comunidade surda é um grupo fácil, mas não é não. [...] Já vi gente segurando o riso, gente olhando de lado! Sempre há uns olhares meio tortos! Algumas pessoas que chegam meio apreensivas, encostando no ombro de leve – me deixam sem graça, porque eu nem as conheço! –, costumam me perguntar algumas coisas sobre os surdos. Eu explico, tudo de maneira bem simples. Às vezes, dá para perceber: são muitas as pessoas que sentem pena e há até quem pareça nem querer olhar para nós! (A₃)

Esse ato de abster-se de olhar para a pessoa surda pode ser justificado por ouvintes como um possível receio de que, fazendo o contato visual, podem ser mal interpretados como curiosos, reparadores ou, ainda, piedosos. Sujeitos surdos, inclusive, ora se queixam da insistência desses olhares, ora se queixam da evitação desses olhares, como é possível notar em todos os relatos. Shirley Vilhalva, pesquisadora surda, desabafa que essa evitação pode vincular-se também a uma não aceitação da condição



surda por meio de um certo receio de que a surdez possa ser contraída como uma doença contagiosa (VILHALVA, 2004). A autora ainda pondera que essa privação do contato visual pode relacionar-se a um temor de que pessoas surdas não compreenderiam a fala das ouvintes.

Pode acontecer também de o sujeito surdo, percebendo a manifestação do preconceito contra si, tentar elucidar sua condição linguística ao ouvinte, assumindo que a falta de conhecimento deste a respeito da surdez pode ter inaugurado a atitude ou gesto de preconceito:

Eu estava sinalizando e uma pessoa, de repente, começou a rir e a gesticular com a outra, como se estivesse fazendo mímica. Eu fiquei meio aborrecido na hora e virei para a pessoa na hora e falei: “puxa, você mexe a boca e fala! Eu estou sinalizando, é a mesma coisa. Se uma pessoa chega pra você e pergunta ‘e aí, tudo bem? Como você está?’, eu posso perguntar isso em Libras também. Então, somos iguais, não tem o porquê de olhar, ficar reparando no outro! Há coisas que você vai falar e eu não vou perceber! E se eu sinalizar, você também não vai perceber! Acabou, é assim!” Eu vejo que as pessoas não têm respeito. Eu acho que os surdos têm um pouco mais de respeito e não se metem com os ouvintes, mas é difícil. Acho que é porque eles não têm informação. Se dermos informação e eles ficarem esclarecidos sobre isso, eles acostumam com a Libras e nós nos acostumamos com eles. (A₄)

Na fala acima, o sujeito surdo relaciona, de modo direto, a falta de conhecimento ao preconceito e crê que se esclarecimentos forem feitos, os ouvintes podem acostumar-se, o que significaria deixar de ficar julgando, reparando ou observando detidamente as pessoas surdas. É perceptível que, nessa fala, A₄ reclama do olhar que repara o outro e o considera injustificável por não haver diferenças comunicativas entre as pessoas, apesar de haver diferenças de língua. Reconheço que a elucidação e a reflexão podem contribuir para a desconstrução do preconceito, apesar de elas por si sós não serem o suficiente. A difusão de conhecimentos a respeito da surdez é fundamental, porém, mais do que isso, é imprescindível a presença do *esclarecimento*, como o compreende Crochík (1995, p. 208): “tudo aquilo que a nossa cultura pode estabelecer como verdadeiro na sua luta contra os mitos e que permitiu o progresso, incluindo neste acervo as próprias críticas àquilo que o progresso conserva de mitológico”. Para o autor,



a escola é a instância maior para transmitir os conhecimentos em nossa época e, por isso, deve valorizar os esforços intelectuais em vez de desprezá-los, como o faz o “espírito objetivo” de nossos tempos, o qual só valida o que tem aplicação imediata (CROCHÍK, 1995).

Os entrevistados demonstram que nem sempre têm certeza da manifestação preconceituosa, porque ela pode residir na língua oral, a qual eles não/pouco compreendem. A princípio, seria necessário haver um esclarecimento da situação para que o sujeito surdo possa ter ciência, com precisão, do que se passa, mas nem sempre isso é viável. A₅ exemplifica que, quando há dois ouvintes conversando, apontando ou fitando-o, logo imagina que estão falando (mal) dele. Reflete sobre um caso experienciado:

Sinalizando com outro surdo como eu, homem ou mulher, seja qual for o sexo – e estou falando de homem ou mulher, não de “fazer sexo”, ok? (risos) –, então, estava conversando e percebi alguém olhando e apontando para nós, apontando mesmo na nossa direção, enquanto sinalizávamos. O que pensar? Pensamos logo que estão falando mal de nós, por estarem apontando, em plena rua. E aí, parei de conversar, chamei a pessoa e perguntei o porquê de estar apontando para nós, e ela me respondeu que estava olhando minha camisa, a qual lhe parecia bonita. Isso acontece a outros surdos também. A maioria dos surdos imagina que se há dois ouvintes conversando e eles ficam, toda hora, olhando para nós, é porque estão falando mal deles. Porém, na verdade, não temos como saber, né? Podem estar falando de outra coisa. Somos surdos e não sabemos o que eles estão falando, como eles não sabem o que estamos sinalizando! [...] Sempre vai surgir alguém preconceituoso, porque não sabe Libras. É esse o principal problema! As pessoas não sabem Libras! Se soubessem, poderiam entender o que está acontecendo. Isso já é um problema delas, né? (A₅)

A₅ avalia as situações que vivenciou e, ao mesmo tempo, busca refletir sobre o que os sujeitos surdos geralmente fazem, imaginam ou pensam. Exemplifica e, simultaneamente, explica o porquê das atitudes deles. Para o entrevistado, está claro que vão imaginar o que os ouvintes estão falando entre si por não terem outro modo de saber, com certeza, o que se passa. Porém, ele próprio expôs um caminho para tomar ciência da situação, abrindo mão da insegurança e da dúvida: indagar o outro o motivo do olhar firme e insistente, do gesto indelicado de apontar, etc. Mais do que tudo, é um



ato que instaura o diálogo e pressupõe a atitude responsiva do outro (BAKHTIN, 2011), buscando livrá-lo de juízos provisórios e falsos, isto é, do preconceito (HELLER, 1989).

Os relatos dos atores da pesquisa confirmam que perceber o que se passa ao redor não é tão simples quanto parece, mesmo que, segundo A₅, as pessoas surdas tenham “um campo visual mais aberto”. Perceber a expressão do preconceito contra si não é fácil, se considerarmos que ele pode vir a público exatamente pela fala em língua oral, a qual o sujeito surdo não ouve. E, precisamente porque não ouve, é que, não raro, o preconceito pode emergir da fala dos ouvintes, sob a forma de discursos de piedade, que pressupõem que o outro é de valor menor e está em condições menos favoráveis.

Considerações finais

Os relatos dos mais diversos entrevistados apontam que o preconceito contra pessoas surdas é diferenciado por algumas razões, dentre as quais destaco:

- o incide sobre um grupo que não é alvo, atualmente, de ódio assumido de modo geral. Não há relato de clara perseguição odiosa, segregação imposta ou intolerância, apesar de sabermos que pessoas surdas foram perseguidas pelo nazismo², por exemplo;

² Cerca de *dezesseis mil surdos* foram tratados como “doentes incuráveis”, perseguidos e esterilizados pelos nazistas alemães, no século XX, a fim de não proliferarem “o seu mal” (LIFTON, 2000, p. 25). Inúmeros foram sistematicamente assassinados, com judeus e ciganos (FRIEDLANDER, 1995), entre outros grupos. A orientação de Adolf Hitler era direta e terrivelmente enunciada em sua obra de 1925, *Mein Kampf*, como uma tarefa educativa do Estado nacionalista, que deveria providenciar para que apenas pais “saudáveis” (livres de “doenças” ou “certos defeitos” pudessem ter filhos. O documentário *Arquitetura da Destruição* (1989), do cineasta Peter Cohen, traz à tona que pessoas com deficiência(s) ou doença(s) (como um só grupo, ou seja, não eram diferenciadas pessoas com surdez, cegueira, deficiência física, deficiência intelectual, epilepsia, etc.) foram alvos da perseguição do nazismo, considerados “vírus” e “bactérias” e comparados à arte degenerada, com suas formas desfiguradas, tortas e desarmônicas (SCHULTZE-NAUMBURG, 1938). Para Hitler, a arte era como um espelho do que o homem poderia vir a ser; assim sendo, os considerados contrários ao belo, deveriam ser exterminados. De acordo com o filme de Cohen, as primeiras cinco mil vítimas do Holocausto foram as que mais se pareciam com a arte degenerada.

- a surdez abriga um estigma invisível, se considerarmos que não é nítida como a cor da pele, a deficiência física, a deficiência visual, a síndrome de Down, etc.;
- vincula-se a um grupo cuja língua diferencia-se pela modalidade (visuo-espacial), não sendo, inclusive, sequer respeitada e valorizada como língua pela sociedade em geral, apesar da lei n.º 10.436/02. Essa língua – diferente de línguas de minorias, como as indígenas por exemplo – não é considerada/(re)conhecida como língua por muitos que a veem como conjunto de gestos, mímica ou pantomima sem estrutura linguística interna;
- se o preconceito for manifestado abertamente, o enunciador pode ser julgado por outrem como cruel, por não se apiedar de um corpo com suposta anomalia, compreendido como defeituoso e incompleto – como será exposto na análise dos relatos dos professores;
- o preconceito pode ser dissimulado em discursos comiserados – que poupam o preconceituoso do julgamento alheio e podem torná-lo benfeitor inclusive – ou disfarçado sob a forma de supostas brincadeiras e piadas;
- o preconceito pode ganhar vida em língua oral sem que o alvo o ouça. Daí que o “falar pelas costas”, “tapar a boca para falar”, “falar baixinho” abrem brechas ao crescimento do preconceito, que não pode ser sequer notado/entendido por um sujeito surdo mais desatento ou que não tenha habilidade para leitura labial.

Referências bibliográficas

ALLPORT, Gordon Willard. **La naturaleza del prejuicio**. Buenos Aires: EUDEBA, 1962.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. (VOLOSHINOV, V. N.) **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. (Linguagem e Cultura; 3)

BRASIL, **Lei n.º 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 15 jan. 2013.

COHEN, Peter. **Arquitetura da destruição**. Suécia: SVT Drama, 1989. 1 DVD (119min).

CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Robe Editorial, 1995. (Série Encontros com a Psicologia)

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n.116, p. 21-39, jul. 2002.

_____. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (Org.). **Ciências Humanas e Pesquisa**: leituras de Mikhail Bakhtin. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 26-38. (Questões da nossa época; 107)

FRIEDLANDER, Henry. **The Origins of nazi genocide**: from euthanasia to the final solution. North Carolina: The University of North Carolina Press, 1995.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LIFTON, Robert Jay. **Nazi doctors**: medical killing and the psychology of genocide. New York: Basic Books, 2000.

QUADROS, Ronice Müller de. O “BI” em bilinguismo na educação de surdos. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia (Org.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

SCHULTZE-NAUMBURG, Paul. **Kunst und Rasse**. Berlim: JF, 1938.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2004. (Coleção Cultura e Diversidade)